

PREÂMBULO

Memória Universal

“Fatos são uma forma de ficção bastante inferior”
(Virginia Woolf)

O homem, desde os albores da humanidade, ainda que não tendo consciência plena ou concisa disso, procurou manter um relacionamento com os processos psíquicos do inconsciente coletivo e seus arquétipos.

Assim, as lendas, os mitos, as fábulas, os contos, as sagas representavam estruturas básicas da psique humana, legando-nos uma riquíssima e apurada exposição cultural da humanidade. Tal material, contado e imortalizado desde a antiguidade, ao redor das fogueiras, e com que vezes descharacterizado ou olvidado nos dias atuais.

A memória univesal - por imagens, sensações, palavras, traumas, se armazena no inconsciente, se desdobrando, se perpetuando, podendo ser ativada/aces-sada mesmo remotamente, relembrando a experiência ou evento original. Nada desaparece ou se dissolve. Tudo permanece como alegorias, padrões, comportamentos que ecoam do passado, por mais indizíveis ou mesmo impensáveis.

Numa linha mais especial, primava e profunda estão os contos de fadas, cujos cenários, personagens, enredos, linguagem são manifestações da psique e de nosso processo iniciatório, de nosso destino, com seus conflitos, perdas, morte, prazeres, festividades. Segundo Maria Louise Von Franz (2005) “os contos de fadas são como o mar e as sagas e os mitos são como ondas desse mar; um conto surge como um mito e depois afunda novamente para ser um conto de fada. Os contos de fadas espelham a estrutura mais simples, mas também a mais básica – o esqueleto – da psique”. Seus conteúdos são cheios de simbolismo e de significados, possibilitando-nos a integração da consciência e um caminho para resolução de conflitos existenciais e espirituais. Quando captados, os enredos trazem-nos algo da infância – a capacidade de nos encantar, de nos surpreender, retransmitindo uma mensagem milenar, mutante, vivificante.

Os contos, assim como os mitos, oferecem-nos um modelo fervoroso e encorajador, por quanto permanecem indeléveis no inconsciente e contendo e cultivando todas as possibilidades positivas da vida.

Conhecer os contos – segundo ainda Von Franz, (2005) – ajuda-nos a compreender as razões de viver, mudando nossa disposição existencial e mesmo nossa própria condição psicológica. Contos e mitos abrem-nos as portas e respostas do inconsciente, levando-nos à compreensão e entendimento de nossos conflitos, problemas, dilemas, já resolvidos de diversas formas ao longo da história da humanidade.

O primeiro jornal

Na primeira página deste Boletim uma menção ao primeiro jornal na história de São Tiago. Em Novembro de 1953, o município viu circular, cidade afora, o número de estreia de A Sentinela, trazendo já na capa da manchete “O município em marcha”. “A criação e lançamento dêste pequeno jornal obedeceu, em princípio, a um imperativo do momento – a necessidade de se dar forma e expansão aos ideais de progresso de um povo, e também a uma necessidade financeira”, expôs o idealizador da publicação, Walter de Oliveira, à época.

Pág. 4

Pequena Errata

Erramos e nos desculpamos: na última edição, anunciamos erroneamente a publicação de uma matéria sobre o Padre Bento Francisco Ribeiro – algo que não ocorreu. Desta vez, finalmente, o texto está aqui entre nossas páginas, nossos causos, nossas pesquisas, nosso conteúdo. Conheça, então, sobre o “primeiro sacerdote de que se tem notícia na Capelania de São Tiago Maior e Sant’Ana, como se verifica em livros de registros de Batismos, de Casamentos e de Óbitos da Comarca Eclesiástica de São João del-Rei”.

Pág. 6

Histórias Inventadas

“Em 1968 a Entidade Morte deu uma pausa em suas atividades e responsabilidades. Tomando para si o corpo carcaça de um bonito e atraente homem de meia idade, iniciou uma viagem partindo de sua Fortaleza Eterna rumo a uma pequena ilhota na Costa Amalfitana, na Itália, próxima à Ilha de Capri. Chegou ao seu destino simplesmente apresentando o título de homem que veio de longe. A interrupção de seu trabalho e a realização da viagem se justificava pela necessidade de finalizar acordos não cumpridos em duas oportunidades com a atual moradora da ilha. Solitária, naquele rochedo branco junto a criadas e outros serviços, fingia viver como um doublé de diva e escritora inglesa, muito rica e famosa, extremamente exigente em ver suas necessidades e caprichos prontamente atendidos. Enquanto a Morte ali permaneceu nenhum ser humano faleceu em todo o mundo”.

Pág. 8

Tomás de Aquino

“Nascido no Castelo de Roccasecca, situado na Itália, em 1225, o filósofo teve contato, desde criança, com uma educação católica e erudita promovida por monges beneditinos. Aos 19 anos de idade, Aquino entrou para a Ordem dos Dominicanos como seminarista, iniciando a sua carreira eclesiástica e intelectual. Tomás de Aquino estudou e ensinou Teologia e Filosofia, participando ativamente de pesquisas e debates teológicos em sua época. Em 1245, um ano após o início do seminário, Aquino mudou-se para Paris para continuar os seus estudos. Nesse período, ele conheceu Alberto Magno, padre e filósofo alemão, um frade da ordem dominicana, defensor da intelectualidade proporcionada pelas ciências e pela Filosofia como alicerce para se entender a razão divina”.

Pág. 18

ADIVINHAS

- O que é, o que é? Está na ponta do fim, no início do meio e no meio do começo?
- O que é, o que é? Mostra tudo que vê.
- O que é, o que é? Tem um palmo de pESCOÇO, tem barriga e não tem osso
- O que é, o que é? Tem um dente e chama por toda a gente.

Respostas: 1- A letra M; 2- O espelho; 3- A garrafa; 4- O sino.

Provérbios e Dágios

- Cavalo bom, homem valente só se conhece na chegada
- Dia de domingo pede cachimbo
- Cavalo de comissário não perde corrida
- Deus tira os dentes, mas alarga a goela

- As relações espirituais valem infinitamente mais do que os laços físicos. Laços físicos sem laços espirituais são corpos sem alma.

(Gandhi)

- Não há lembranças que o tempo não gaste, nem dor que por morte não desfaleça.

(Cervantes)

- Nossos corações são como aves: alguns já conquistaram a prodigiosa força da águia; outros, contudo, guardam ainda a fragilidade do beija flor.

(A. Luiz)

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e todas as pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Fabiana Dielle.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Colaboração: Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Maria Luiza Santiago de Paula

Revisão: Fábio Antonio Caputo e Sandra Regina Almeida Caputo

Jornalista Responsável:

Marcus Santiago - MTB 19.262/MG

E-mail: credivententes@sicoobcredivententes.com.br

Realização:

SICOOB
Credivententes



Apoio:



METER O ROSSIO NA BETESGA

Curiosa e genérica expressão da língua portuguesa, tem o sentido de “fazer algo impossível” dada a desproporcionalidade dos tamanhos, ou seja, algo imenso em espaço diminuto.

Rossio é uma praça na cidade de Lisboa enquanto betesga (beco) é pequenina e estreita rua – talvez a menor de Lisboa – que liga a Praça da Figueira à Praça do Rossio. Betesga significa ruazinha, ruela, beco.

Há uma variante em Portugal desta expressão proverbial. “Colocar o Arco da Rua Augusta na Rua da Betesga”.

Trata-se, ademais, de expressão corrente e de uso literário como o extraído na obra “Falar verdade e mentir” de Almeida Garret.

“José Félix – ora adeus! O senhor seu pai com efeito... ele ainda é parente, bem se vê, há – de ter sua costela espanhola... O seu projeto é outra espanholada também... Querem impedir que um rapaz do tom da moda pregue a sua peta!... isso é mais do que formar castelos em Espanha, é querer meter o Rossio pela Betesga”.

Contextualizando: o personagem em questão, José Félix, faz referência a Duarte, personagem que tem o costume de jamais ser verídico, de falar a verdade. Um mentiroso, enfim.

Assim, José Félix, afirma que impedir Duarte de mentir é “querer meter o Rossio pela Betesga”, em suma algo impossível.

A expressão, pois, refere-se à impossibilidade de colocar muita coisa em espaço reduzido.

Assim, tarefas extensas a serem realizadas em espaço demasiadamente curto; tratamento de muitos assuntos em tempo exíguo.

Também se diz da tentativa de estacionamento de um carro numa garagem que não o cabe, querer guardar uma grande quantidade de objetos em um armário ou gaveta demasiado pequenos.

“A rua da Betesga é uma estreita que liga, na parte sul, a Praça do Rossio à Praça da Figueira. Aberto ao trânsito, tem duas faixas, ambas no mesmo sentido e apenas sobra espaço para os estreitos passeios destinados aos peões. Ora, meter uma praça grandiosa como o Rossio (...) numa nesga como a Betesga seria claro, impossível.

(Andreia Vale – “Puxar a brasa à nossa sardinha” – Lisboa, 2015, p. 24).

O Sr. José Augusto de Resende (23-04-1885/30-01-1955),⁽¹⁾ era proprietário, décadas iniciais do século passado, de pequena chácara no bairro Cerrado, hoje proximidades do cemitério local, contando a herdeira com os serviços, dentre vários outros animais, de um burro – por nome Rubi, assim reza a oralidade - assaz inteligente, engenhoso, de comportamento singular e intrigante. Aliás, Rubi Rosa, segundo alguns, referência, assim se dizia ou se deduzia, ao famoso diplomata e playboy Porfirio Rubirosa (1909-1965), play-boy e bon-vivant conhecido sedutor de mulheres da alta sociedade mundial⁽²⁾. O burro Rubi, voltemos-nos a ele, era de pelagem rosácea, lustrosa, animal bem cuidado, alegria da meninada da casa e arrabaldes, prestando, de forma precisa, os mais diversos serviços ao proprietário, sua família e ainda vizinhança.

O animal, dentre tantos cacoetes, tinha o hábito de, à hora de se alimentar ou se esfaimado, bater vigorosamente a porta da casa, cabeças das que ecoavam pelo recinto do imóvel e adjacências. Duas, três vezes ao dia, eis o peculiar ritual: Rubi deslocando-se airosoamente em direção à porta e ali, de modo ostensivo, reivindicar o seu farnel. No que era, de praxe e, no ato, atendido.

Certa feita, alguém de mau humor na residência, tão logo as ritmadas e insistentes batidas do animal⁽³⁾ na porta, à espera do repasto, aplica-lhe algumas relhadas, motivo, ao que parece, de indignação ou circunspeção, doravante, por parte do engenhoso, abispado animal.

Dali em diante, assim que batia à porta, requisitando sua provisão alimentar, o burro, rapidamente, recuava a boa distância da entrada, fora do alcance de relhos e chicotes, aguardando, porém, fosse servido, o que era feito regiamente.

NOTAS

(1) O Sr. José Augusto ficou célebre, à sua época, por possuir um Ford 1928, um dos primeiros veículos existentes em nosso meio. Segundo o sr. Tarcísio Caputo, o sr. Carlos Caputo (Caboclo) era proprietário, por sua vez, de um Ford 1918, modelo guardalouça, enquanto os demais existentes na localidade (dos srs. José Mata, Cincinato Mata etc.) eram de capota. Segundo a oralidade, outro proprietário de Ford (1926, ao que parece) era um homônimo, o prof. José Augusto de Resende, diretor do grupo escolar local.

Sobre os primeiros veículos em São Tiago ver matéria em nosso boletim n. XXXI – abril/2010

(2) Porfirio Rubirosa era natural da República Dominicana, além de membro do jet set internacional, era exímio jogador de pólo e piloto de automóveis. Nomeado diplomata pelo ditador Rafael Trujillo (1891-1961) um dos mais sanguinários caudilhos latino-americanos de todos os tempos. Envolver-se-ia com dezenas de celebridades femininas, dentre elas Marilyn Monroe, Eva Perón, Ava Gardner, Judy Garland, Soraya Estiadiary, Veronica Lake, Dolores Del Rio, Zsa Zsa Gabor etc. Rubirosa morreu em um acidente rodoviário em Paris, aos 56 anos.

(3) Embora a fama – símbolo da ignorância – o burro é um animal deveras inteligente. Um animal observador, com capacidade cognitiva e imitativa impressionante, cópia tudo o que vê. Pesquisas, assim como a oralidade popular, comprovam que os burros e mulas têm uma notável desenvoltura para resolver problemas e de memorização rápida. Conseguem abrir porteiros, evitar buracos e armadilhas da estrada... Para obter comida são flexíveis, aprendendo com rapidez e eficiência como obter/receber alimentação. E o que afirma a Profª Britta Osthaus, da Universidade de Canterbury (Inglaterra) que estuda, há décadas, o comportamento de animais, dentre eles burros e mulas.



PE. BENTO FRANCISCO RIBEIRO

PRIMEIRO CAPELÃO DA CAPELA DE SÃO TIAGO MAIOR E SANTANA

ANOS 1764-1779

O primeiro sacerdote de que se tem notícia na Capelania de São Tiago Maior e Sant'Ana, como se verifica em livros de registros de batismos, de casamentos e de óbitos da comarca eclesiástica de São João Del-Rei, para onde os capelões de toda essa então vasta circunscrição remetiam os respectivos assentamentos, é o Pe. Bento Francisco Ribeiro que, desde janeiro de 1764 até setembro de 1779, como capelão, desempenhou as funções de seu alto ministério...” (Augusto das Chagas Viegas – “Notícia Histórica do Município de São Tiago” Capítulo II – Primeiros tempos do Povoado – Capelões Vigários” p. 13).

Conforme relato supra do ilustre historiador Augusto Viegas, pode-se observar que, ao longo de quinze anos, Pe. Bento Francisco Ribeiro aqui desempenhou o seu intimorato e pioneiro ministério à frente da incipiente capelania, em tempos embrionários de consolidação da povoação e estância, até então conhecida como Paragem de Santo Antônio do Rio do Peixe⁽¹⁾.

Sabe-se que o processo de colonização e povoamento da Capitania de Minas foi marcado, desde os seus albores, pela presença de capelas e igrejas, símbolos atestatórios da religiosidade, fé e tradição de nossos antepassados. Erguidas dentre serras, margens de rios, passagens de caminhos, no alto de platôs, expressavam a riqueza espiritual e devocional dos moradores e povoadores da localidade, muitas delas fruto de promessas fervorosas de fiéis de antanho.

No nosso caso específico, a região era já habitada em inícios do século XVIII,⁽²⁾ anterior à abertura da Estrada Real da Picada de Goiás (1736),⁽³⁾ constituindo-se a capela em honra a São Tiago Maior e Sant'Ana em 1761, por força de autorização de D. Frei Manoel da Cruz, em área doada pelo sesmeiro Domingos da Costa Afonso e s/m D. Maria de Almeida e Silva.

QUEM FOI PE. BENTO FRANCISCO RIBEIRO - Era português, natural da freguesia de São Lourenço de Golões, arcebispado de Braga, batizado em 01-08-1724, filho legítimo de Manoel Francisco e s/m Mariana de Freitas, (4) sendo padrinhos Jerônimo Gonçalves e Mariana Pereira, da freguesia de São Lourenço de Golões (Livro de batismos da Freguesia de São Lourenço de Golões, fls. 48). Eram/foram seus avós paternos Domingos Francisco, natural de São Lourenço de Golões e Dª Margarida Luiza, natural de São Estevão de Vinhos, concelho de Monte Logo, onde foi batizada em 01-09-1645 (Livro de Batizados da Igreja de São Estevão de Vinhos, fls. 29); Domingos Francisco e Margarida Luiza casaram-se em 21-07-1680 na Igreja de São Estevão de Vinhos (Livro de Casamentos, fls. 99v). Os avós maternos de Pe. Bento foram Francisco de Freitas, batizado em 07-03-1655 e Dª Maria Machado de Freitas, casados estes em 13-02-1678 na freguesia de São Lourenço de Golões (Livro de Casamentos da Freguesia de São Lourenço de Golões, fls. 740).

Bisavós paternos (pais de Domingos Francisco): Gonçalo Pires e s/m Ana Francisca.

Bisavós maternos (pais de Margarida Luiza): Antonio Gonçalves e s/m Catarina de Freitas.

Quando de seu requerimento/petição de matrícula no Seminário de Mariana, declarou ser “morador da vila de São José”, natural da freguesia de São Lourenço de Golões.

Teria, pois, migrado para o Brasil, ainda jovem, senão criança. Para compor seu patrimônio junto ao Seminário, (Pe). Bento recebeu a doação de “uma casa de moradas” feita por Antonio Soares de Barros, morador no arraial do “Corgo, termo desta Vila” (Docu-



março/2024

março/2024

Boletim Cultural e Memorialístico de São Tiago e Região



CARRO DE BOI

Falar em carro de boi é evocar a mente das pessoas do interior, resgatando suas mais profundas recordações e revolucionando o imaginário coletivo.

Todas as pessoas do interior têm total afinidade com o carro de boi, seja pela convivência diária, pelos passeios, como meio de transporte, para mudanças, serviços diversos, colheitas, ou mesmo pela apreciação de seu simples, canto e das marcas simétricas deixadas ao longo das estradas poeirentas ou barrentas. Que se enchem posteriormente com água da chuva, criando uma cena muito bela, suave, folclórica, efêmera e romântica.

Antigamente, todo sítio ou fazenda possuía um carro de boi. Após a lida diária, ele era guardado como uma relíquia, em uma sombra, coberto com cuidado e esmero para não estragar. Feitos de madeiras nobres, sua durabilidade persistia por inúmeras décadas. As madeiras usadas para sua construção eram cuidadosamente selecionadas utilizando: braúna, sucupira, angico, ipê, óleo vermelho. Nas outras peças, moreira, angico, maria-preta. No chumaço leiteiro, imbaúba, cedro, óleo de bacuri, etc.

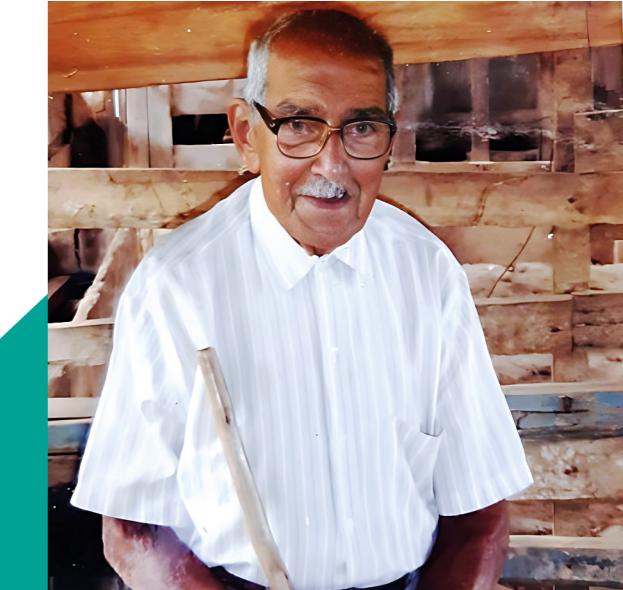
Para o dia seguinte, as juntas de bois eram congregadas e uniam-se a outros para serem colocadas no carro. Geralmente, eram escolhidos animais com porte, força e chifres semelhantes. Alguns fazendeiros chegavam até a escolher bois com cores iguais. Os bois atendiam pelo nome e desempenhavam tarefas diárias atreladas ao carro, transportando lenhas, pedras, mourões, esterco, sementes e adubos para plantio, colheitas e, das cidades, para compras diversas do que não produzia na roça, como sal, querosene, macarrão, ferramentas, roupas, remédios, calçados, rolos de arame, fósforos. Nesse eterno vai e vem, visitas de parentes, doentes e recém-nascidos para batismo, crianças para a escola também faziam uso do transporte. No carro, para melhor acomodação da carga, colocavam-se os fureiros nas laterais, perpassavam uma esteira de bambu. Quando vinham da colheita do milho, era comum ver em cima abóboras grandes e vermelhas, contando-as para não apodrecer, e cabaças secas para uso como vasilhames na cozinha.

O carro de boi sempre ocupou um lugar importante nas famílias, sendo uma das invenções mais simples e primitivas do ser humano no Brasil desde a época colonial. Esse veículo de tração animal foi útil no desenvolvimento estrutural, econômico das famílias, comunidades e do país, contando com inúmeros equipamentos como duas ou quatro rodas, cabeçalho, tamboiras, mesa, eixo, cambão, câncer, brocha, fureiros, esteiras, etc.

A velocidade de um carro não ultrapassava os 10 km por hora, sua condução dependia dos bois, do carreiro que ia à frente, e de um ajudante, graxeiro ou candeeiro.

Originário da Idade da Pedra, esteve sempre a serviço dos engenhos de açúcar no Brasil desde a colonização portuguesa. Geralmente, sua medida era para 40 balaios de milho, totalizando de 150 a 200 kg. Sem cessar, do alvorecer ao crepúsculo, o carro de boi trazia alegria ao seio da família, sinal de provimento, fartura, colheita, alegria, dever cumprido e descanso das pessoas e animais após o longo dia de trabalho.

Hoje, a nostalgia e boas lembranças das estradas poeirentas com o carro cantando em São Tiago, ainda nos permitem ver esses velhos carros circulando em algumas comunidades, para nosso deleite, alegria e recordações.



Job Viana, Carreiro 100%

Nascido em São Tiago em 2 de maio de 1910, Sr. Job Rodrigues Viana era filho de José Rodrigues Viana e Laura Maria de Jesus. Casado com Maria José Silva (D. Zica), formaram uma família numerosa com 10 filhos, 16 netos e 3 bisnetos.

Homem culto e amante da natureza, Sr. Job Viana cuidava dos bens naturais, especialmente plantas, árvores, frutas e flores. Sempre generoso, oferecia frutas do vasto quintal a qualquer criança que encontrasse. Solidário, compartilhava com vizinhos e parentes o que cultivava.

Além disso, ele exerceu mandato de vereador, participando ativamente de reuniões agrícolas em Viçosa. Como sócio fundador da Cooperativa Agropecuária de São Tiago, desempenhou papel fundamental em sua criação. Apesar de uma educação simples, estudando apenas com o mestre das fazendas, Sr. Job Viana era reconhecido por sua sabedoria proveniente de experiências de vida.

Gostava de leitura e frequentava reuniões de orientações agrícolas (Viçosa), mantendo-se bem informado. Durante seu tempo como vereador em São Tiago, enfatizava que, naquela época, os vereadores não eram remunerados.

Participava de vários movimentos da Igreja como cursilhos, ministro extraordinário da Eucaristia e da Irmandade do Santíssimo Sacramento. Faleceu em 01/07/2003.

Em 12 de janeiro de 2024, o Instituto Histórico e Geográfico de São Tiago (IHGST) recebeu, das mãos dos herdeiros do Sr. Job Viana, um carro de bois que o acompanhou durante toda a sua vida. Esse carro, sem dúvida, participou dos momentos mais importantes da vida de Job e de sua família, contando a história de um homem trabalhador, criativo e religioso que enfrentou a vida com entusiasmo, uma qualidade que todo ser humano deve cultivar. Atualmente, o carro encontra-se em exposição no Espaço Forno da Praça, disponível para apreciação do público como uma relíquia de nossa comunidade.

Os membros do IHGST, sensibilizados, expressam sua gratidão à família pela doação, cientes de que o carro faz parte da história local, proporcionando uma visão única sobre o transporte de produtos e a confecção do nosso café com biscoito em nossa cidade, São Tiago.

Maria Elena Caputo
Membro do IHGST



HISTÓRIAS INVENTADAS

O DUELO

Em 1968 a Entidade Morte deu uma pausa em suas atividades e responsabilidades. Tomando para si o corpo carcaça de um bonito e atraente homem de meia idade, iniciou uma viagem partindo de sua Fortaleza Eterna rumo a uma pequena ilhota na Costa Amalfitana, na Itália, próxima à Ilha de Capri. Chegou ao seu destino simplesmente apresentando o título de homem que veio de longe. A interrupção de seu trabalho e a realização da viagem se justificava pela necessidade de finalizar acordos não cumpridos em duas oportunidades com a atual moradora da ilha. Solitária, naquele rochedo branco junto a criadas e outros serviços, fingia viver como um dôble de diva e escritora inglesa, muito rica e famosa, extremamente exigente em ver suas necessidades e caprichos prontamente atendidos. Enquanto a Morte ali permaneceu nenhum ser humano faleceu em todo o mundo.

É óbvio que o Grande Mundo percebeu em poucas horas a presença de uma anomalia inexplicável em curso bastando ver os contadores de óbitos paralisados. Logo, notícias sobre este fato fantástico e de pouca credibilidade começam a correr pelos canais de informação do planeta. Nestes casos a novidade passa por camadas de aceitação. Primeiro, é boato e mentira. Segundo, algo que pelo menos deve ser averiguado. E por fim, verdade difícil de aceitar.

Em São Tiago não foi diferente, mas demorou um pouco mais. Em 1968 a cidade contava com aproximadamente 6.000 habitantes. Usando-se uma taxa de mortalidade média de 12/1000 hab./ano chega-se a mais ou menos a 72 falecimentos por ano, um falecimento a cada cinco dias. Facilmente poderia acontecer de não morrer ninguém num prazo de uma semana ou mais, não permitindo confirmar a hipótese. O Hospital São Vicente de Paulo ainda não existia e a população buscava em Bom Sucesso os recursos para assuntos de saúde, o que mais dificultava o controle desses números.

Mas, começou. De inicio, meio acanhadamente, envergonhado, com temores religiosos e prenúncios de fim de mundo, o povo espantado rezando e conversando a respeito. A situação evolui naturalmente para um confrontamento cínico e provocador. E então começa a experimentação: dirigir o carro mais veloz do que recomenda o bom senso, enfrentar os touros mais bravos da região de mãos limpas e dar os mergulhos mais perigosos no Poço do Valdemar, na Usina. O escrúpulo vai embora e alguns experimentam morrer de beber, sem morrer! O Monsenhor tem que ser mais que enérgico para impedir que um bêbado tradicional suba até a torre do relógio e sino da igreja para realizar um voo milagroso!

Ninguém sabia se era verdade, a hora de inicio e nem a hora do término e até quando seria seguro brincar com as possibilidades. A razão ficou para trás e com ela a percepção de que não morrer não significa ficar imune a dor e ferimentos. Um entusiasmo sem explicação fazia com que a maioria não se preocupasse de verdade.

Dois homens seriam protagonistas no que viria. Os Srs. Benedito Quaresmeira e o Sr. Andreote Cavalcanti, proprietários de terra e confrontantes, na região entre os Melos e a Carapuça, envolvidos numa eterna disputa jurídica sobre divisas. O Sr. Quaresmeira era mais bruto, primário, temperamental e cheio de maneirismos como françir o canto do olho direito tencionando a testa e as bochechas e tamborilar a almofada da palma da mão com o dedo mindinho.



cepção legal mais complexa e se esquivou sumindo. O local escondido foi um terreirão poeirento adjacente a casa e comércio do Sr. Jairo, perto da caixa d'água e de um cruzeiro, antes de existir a Igreja de São Sebastião. Este mesmo local era utilizado pelos homens para jogar Malha e também pelo próprio Sr. Jairo que ali arremessava festivamente balas e amendoins para crianças depois da aula de catecismo na casa da Dona Conceição do Maeca.

Os preparativos foram feitos com sucesso, os rituais obedecidos e os gatilhos estavam prestes a serem apertados.

Enquanto isso, numa hora qualquer, na ilha a anfitriã falece. A Morte iniciaria o retorno para sua Fortaleza Eterna e atividades corriqueiras. As ondas que sempre batiam nas pedras da base do rochedo branco aparentemente calaram-se.

Uma câmera lenta em perspectiva mágica mostraria no primeiro plano as balas viajando e os olhos aflitos dos duelistas antevedendo o resultado. No plano de fundo, no meio de uma névoa, a Entidade Morte sentada em sua Poltrona Trono, fazendo seu trabalho e fechando arquivos. Eram duas belas balas certeiras!

Estes fatos nunca ocorreram. Inspirado no filme "Boom!" de Joseph Leslei e Tennensse Wiliams Imagem: site www.armasdecolección.com Fabio Antônio Caputo

PARTE 5/6

8 | SÃO TIAGO
Minas Gerais

HISTÓRIAS INVENTADAS

DESPEDIDA

São Tiago. Largo da Matriz. Piso superior do coreto. 14h30m. Temperatura 32°C.

- Senhor, temos que ir embora. Os helicópteros já estão pousados no Campo do Tupinambás, esperando.

- Quanto tempo falta?

- Um pouco mais de uma hora e meia, senhor, mas temos deixar o perímetro do evento pelo menos quinze minutos antes do inicio.

- Sobrou algum transporte a nossa disposição?

- Sim e estão estacionados lá embaixo para caso seja necessário.

- Vamos dar um pulo na Capela de Fátima.

Enquanto os dois homens abandonavam o coreto pela escada interna um caminhão estaciona na frente da igreja e homens uniformizados começam a descarregar seu conteúdo.

- É a oferenda? Como vai ser?

- De acordo com o desejo e a decisão dos moradores, ex-moradores senhor, será colocada uma grande mesa de madeira na praça, coberta com toalhas brancas, em um ponto em frente à entrada. Sobre ela serão dispostos os biscoitos, bolos, pães, roscas, broas e outras quitanas que eles mesmos fizeram de ontem para hoje. A porta frontal da Matriz será mantida aberta.

- Bom! Não existe mais ninguém aqui?

- Creio que não, senhor. Nos últimos três dias conseguiram convencer os mais resistentes a aceitar a evacuação.

- E as portas e as chaves das casas?

- Todas as portas fechadas e as chaves foram colocadas em grandes vasos de vidro e depositadas aos pés do Padroeiro, na igreja. As pessoas puderam levar papéis, documentos, valores, fotos e alguns objetos pessoais de pequeno volume.

- E os animais?

- As famílias foram autorizadas a salvar até três de seus animais de estimação, o que foi um problema. Eram tantos!... Quanto aos animais de criação, nada pode ser feito. Os responsáveis pela logística não conseguiram viabilizar a tarefa. Era impraticável.

A pequena viagem até o morro da saída para Capelinha, apesar de muito curta, foi muito mais lenta que poderia se supor. Uma pequena parada na Igreja de São Sebastião confirmou que, como em todos os templos, a porta frontal estava aberta para que os padroeiros zelassem por tudo e todos.

- Senhor, eu posso fazer uma pergunta?

- Logico...

- Para que se preocupar com tantas miudezas, se nada disso mudará o que vai acontecer? Oferendas, portas, chaves, papéis e objetos, bichos!... De que adianta?

- Há quanto tempo eu te conheço, David? Você é de qual família?

- Algum tempo, senhor. Nunca falamos disso, mas eu não sou de São Tiago. Sou órfão abandonado em orfanato. Não sei minha origem e nem sei bem como vim aparecer aqui nessa terra.

- Bem, isso não muda o fato de que você sabe do que eu estou falando. Você morou aqui, você viveu aqui, você conhece o lugar e as pessoas, as histórias e os antepassados. As pessoas constroem o lugar e o lugar constrói as pessoas. Um final tão brutal, tão violento e cruel vai despedaçar todas essas relações. Isso não pode ser deixado simples e fácil. Estes rituais são todos sobre aceitar o fim, mas impor nossas condições. Será nos nossos termos. Pelo menos é uma ilusão que conforta. Chegamos.

Descem do carro e lançam um olhar de 360° girando o corpo.

- Aqui é um ponto de observação especial David. Ali é Mercês de Água Limpa. Nos dias de atmosfera mais límpida é possível ver o brilho do sol



nas casas mais claras. Aqueles eucaliptos cresceram e taram a visão de Conceição da Barra de Minas, que costumava ser nítida. Naquela direção, à noite, é possível ver as luzes de São Sebastião da Vitória. Uma vez estive lá e pude ver as nossas luzes. Para lá, de São João Del Rei só da para ver o perfil das serras e o reflexo da iluminação da cidade nas nuvens. Tem gente que afirma ver Resende Costa, mas eu nunca consegui.

- Senhor, temos que partir.

- Eu queria ir até o Rio Jacaré.

- Não é recomendável. As últimas medições indicam um acréscimo de 5°C nas águas do Jacaré, do Rio Sujo e do Rio-beirão da Fábrica.

- Está certo. Estou sendo egoísta prolongando uma despedida só minha. E as câmeras?

- Todas posicionadas, os links instalados e o sistema todo testado.

- Vamos embora!

Exatamente no momento previsto, de acordo com as imagens registradas, um breve silêncio pouco natural precede um aumento mais drástico da temperatura, da força de uma luminosidade amarela e de uma vibração no sentido vertical, gradativamente aumentando e afetando o solo e as coisas. Grãos de areia e pequenos torrões de terra sobem a meia altura e vaporizam. A vegetação e os animais restantes instantaneamente se transformam em pó como vampiros mortos em filmes. Pedras, alvenarias, metais e madeiras explodem deixando suas partes flutuando. Não existe vento. A luz adquire uma aparência sólida na forma de uma cúpula ou calota. As câmaras já pararam de funcionar. Depois de um segundo silêncio a cúpula colapsa sobre si mesma amassando o seu interior ao som de um soluço acompanhado de vazio, como na barriga em descidas vertiginosas

de uma câmara ou calota. As câmaras já pararam de funcionar. Depois de um segundo silêncio a cúpula colapsa sobre si mesma amassando o seu interior ao som de um soluço acompanhado de vazio, como na barriga em descidas vertiginosas

A pequena viagem até o morro da saída para Capelinha, apesar de muito curta, foi muito mais lenta que poderia se supor. Uma pequena parada na Igreja de São Sebastião confirmou que, como em todos os templos, a porta frontal estava aberta para que os padroeiros zelassem por tudo e todos.

Uma angustia profunda incentiva uma incontrolável vontade de dizer que a imagem de São Tiago com seu chapéu e seu cajado foram as únicas coisas preservadas no meio daquele plano de destrócos, em um definitivo milagre. Não, infelizmente. Naquele campo de desolação era impossível até imaginar o contorno grosso daquilo que foi. A esperança começou a voltar quando alguém se deu conta de que São Tiago é o protetor do Peregrino. E peregrinos agora eram todos os sobreviventes do cataclismo, sem a sua terra para assentar suas vidas. O Padroeiro zelaria pelo futuro de todos enquanto também cuidaria para que o mesmo não se repetisse em outras realidades alternativas. A ciência não ofereceu uma teoria para os motivos do fenômeno. Sobre os homens recaiu a necessidade de vasculhar seus registros, seus atos, decisões, suas almas e pecados a procura de uma possível culpa. Tudo em atenção ao todo perdido, e talvez, na esperança de uma nova chance.

Estes fatos nunca ocorreram ou ocorrerão.

O Padroeiro vigilante nunca permitirá.

Imagem: arquivo pessoal trabalhado digitalmente. Fabio Antônio Caputo

DE POETA E LOUCO

TODOS TÊM UM POUCO

ILUSÕES: NADA MAIS!

O QUERER BEM DA GENTE SE DESPEDINDO, FEITO UM
RISO E SOLUÇO, NESSE MEIO E VIDA
[Guimarães Rosa: Grande Sertão: Veredas]



INGRATIDÃO (08-06-94)

Visão formosa que encontrei na vida,
Num tempo de desejos tão risonho,
Ela foi-me a esperança renascida
Do amor, dentro de mim, num lindo sonho.

Se uma paixão já teve alguém, falida,
Me diga, por favor, se eu fui bisonho,
Dando-lhe, em troca de uma graça havida,
Mais do que merecia, hoje, suponho?

Pois, ora, ela por mim vaidosa passa
Qual branca nuvem de fumaça,
Indiferente a tudo que eu lhe dei.

E, assim, eu vou vivendo em soledade,
Neste mundo sofrendo co'a saudade
Daquela a quem um dia eu tanto amei.

VÂNITAS (21-07-94)

Quando eu te conheci, na flor da juventude,
Tu eras, eu me lembro, a beldade da aldeia.
E, exibindo em teu corpo a feliz plenitude,
Da lasciva paixão eras linda sereia.

Desvalida, ao rever-te, hoje, velha, não pude
U'a pergunta evitar, como quem devaneia:
Os amantes de outrora onde estão, que, na rude
E cruel solidão, eu te encontro tão feia?

Deixaram-te... Foi isso. Eis quanto eu suponho.
Quando tinhas o rosto altaneiro e risonho,
Tu lhes davas prazer e o melhor dos teus anos.

Vindo o tempo, porém, com seu peso medonho,
Acabou-se a amizade e o amor foi um sonho.
Hoje, tudo o que tens são, enfim, desenganos!

FILHO PRÓDIGO 06-04-94

Abandonando, um dia, o calmo lar materno,
Correndo eu fui atrás de uma paixão amada.
Prostrado em seu altar lhe prometi, em cada
Dia da vida, dar-lhe o meu amor mais terno.

Num êxtase, meu sonho acreditei eterno,
Defronte à imagem sua, em ébano talhada.
Hoje, na ausência dela, o meu viver é nada,
Vazio, o céu, em mim, se converteu no inferno.

Ah, infeliz de mim que sofro e choro tanto,
Por essa sombra vã que me tapou a luz.
Mas. Esquecê-la hei-de e, enxugado o pranto,
Ao verdadeiro Amor, que me remiu na cruz,
Eu voltarei, enfim, e lhe direi num canto:
Oh que saudades sinto eu de você, Jesus!

ADEUS: VOU-ME EMBORA 16-09-22

São oitenta e seis anos já por mim vividos...
Basta! Que estou cansado. O que eu espero agora
É receber, sereno, a Morte, sem gemidos,
Tal qual uma visita que me leve embora.

Quero deixar a vida em vão desconhecidos,
Talvez, lá no horizonte, em trilhas, chãos à fora.
Bom mesmo é que ninguém dos meus entes queridos
Por mim se lamentasse em dor, naquela hora.

Apegos e desejos? Que poucos já os tenho!
Nascer, evoluir, morrer... Tal eis a norma:
Nada se cria ou perde: tudo se transforma.

Em Conceição da Barra, de lá donde eu venho,
Se alguém me quiser dar um bom favor final,
Cumpra-me o rito ali de um simples funeral.

ÚLTIMA CARTA (23-09-94)

Escrevo-te, querida, os meus últimos versos,
Para neles dizer-te, com toda a franqueza,
Que meus dias, sem ti, estarão sempre imersos,
Pelas mãos da saudade, em silêncio e tristeza.

Se o que sempre te dei foram só alegrias,
Não entendo porque me deixaste de lado.
Por acaso esqueceste o que sempre dizias
Nas horas em que estive ao teu corpo abraçado?

Com amor, dei-te a vida e porque a rejeitaste,
Te devolvo também tudo o que me inspiraste,
Que de amor e poesia a minha alma está farta.

Este teu desamor, num soneto de poucas
Palavras que nem sei se são justas ou loucas,
Terminando, deploro em estilo de carta.

DESCANTO (12-12-94)

Quando pequeno eu era, a vida em seus albores,
Tinha meu coração cheio de crenças puras.
Sonhava com um mundo inteiro de venturas,
Sorrindo para mim com seus buquês de flores.

O sol, toda manhã, nascendo fulgurante,
Me recordava lindo o meu sonho infantil:
Que os homens eram bons, a pátria, mãe gentil.
E assim acreditando eu ia sempre ovante.

Mas, logo percebi que tudo era mentira,
Perdidas as razões de estar ainda vivo.
Procuro na poesia um simples lenitivo,
Exercitando embalde a minha pobre lira.

Pois, não consigo mais, da aurora ao rosicler,
Achar no horizonte um rumo ao meu futuro.
Que a esperança é morta ali onde a procuro,
Sem ter infelizmente um seu sinal sequer.

E, assim, o nosso mundo, às vezes, me apresenta
Um vasto cemitério, um pensamento vazio.
Sem cruzes, nem capela, apenas podridão,
Onde o abutre audaz dos vermes se alimenta.

Nesta descrença e náusea, os derradeiros meus
Anos de vida levo em vil melancolia.
Até que, finalmente, o inelutável dia
Chegue também p'ra mim de me encontrar com Deus!

TECENDO HISTÓRIAS

As “Tias, Moças, Meninas do Bengo”

Sete irmãs que deixaram sua marca e fazem parte da história de São Tiago pelo modo de vida simples, pouco usual para a época.

Elas eram reconhecidas pela afetividade dedicada a todos que com elas conviviam. Eram dóceis, mas energéticas. Algumas com personalidade bastante forte, no papel de mulheres líderes naquele mundo particular em que viviam. D. Ambrosina foi a única que se casou. Todas tinham como segundo nome Maria, exceto D. Maria José, que era chamada de “Pexona” e D. Francisca Felisberta, segundo nome herdado de sua avó paterna. Valorosas mulheres que são lembradas por quem as conheceu e mesmo por aqueles que não, mas sempre ouviram histórias contadas principalmente por parentes. Quase todas também eram conhecidas pelos apelidos: Francisca (Chica ou Chiquinha), D. Josefina (Fina), D. Angelina, D. Juscelina (Jorça) e D. Minervina (Minerva).

Filhas de Sr. Modesto José de Castro, homem de hábitos simples e sem vaidades, o que contrastava com suas posses, pois era habiloso não somente nos diversos ofícios exigidos por quem vivia na roça, mas também na negociação de terras tornando-se proprietário de imensas glebas rurais na região. Casou-se com D. Margarida Rainha dos Anjos com quem teve outros oito filhos sendo que a maioria também constituiu família numerosa. José Joaquim, Antônio, Américo, Políbio, Olímpio, Benjamim, Obejar e Orosimbo.

D. Ambrosina morava com o marido e os oito filhos na área rural, nas proximidades de São João Del-Rei. As outras seis irmãs permaneceram solteiras e viviam juntas no sítio denominado “Bengo” devido ao córrego com o mesmo nome que passava no local. Tinham muitos sobrinhos e sobrinhinas provenientes dos casamentos de seis irmãos e da única irmã que se casou. Por isso em família eram carinhosamente chamadas “Tias do Bengo”.

Viúvo ainda relativamente novo “Sô” Modesto quis casar-se novamente, mas duas das filhas tidas como as mais bravas não concordaram e disseram que elas cuidariam dele. Porém, ele fez uma exigência: nenhuma se casaria, o que de fato aconteceu. Desta forma elas também passaram a ser conhecidas como “Moças ou Meninas do Bengo”. Mesmo não sendo mães elas desenvolveram um lado maternal por meio dos inúmeros afilhados e afilhadas que conquistaram ao longo da vida, especialmente por terem criado durante muitos anos duas crianças até se tornarem jovens adultos: Juvenal e Alair. O sobrinho Juvenal Zéferino, filho da tia Ambrosina que faleceu na última gestação. Alair Navarro de Castro, sobrinho do Sr. Modesto, ficou órfão de mãe aos quatro anos e perdeu o pai aos sete anos.

Sendo mulheres que cuidavam de animais e plantações acostumaram-se aos ofícios pesados da vida na roça. Seguiam por trilhas para o retiro de leite com os pés descalços, equilibrando as pesadas latas sobre a cabeça acomodadas em rodilhas de pano. Mas também se dedicavam aos finos trabalhos manuais de tecelagem do algodão e lã, desde os tratamentos iniciais da matéria prima bruta anterior à fiação até à confecção de colchas e de tecidos que utilizavam para as roupas que usavam. Além disso, faziam delicados bordados e, entre outros afazeres domésticos, estavam incluídas as saborosas iguarias na cozinha. Havia uma organizada divisão do trabalho e distribuição de algumas ocupações específicas também, da qual se dedicavam com esmero.



“Moças do Bengo”: D. Jorça, em primeiro plano, e D. Minerva.

A lida iniciava-se muito cedo. Quando o dia começava a clarear, reuniam-se no “quarto dos santos” para as orações do amanhecer. Terminadas as preces, D. Josefina ia cuidar da cozinha, preparar o café e a merenda. Depois do café da manhã, que faziam questão de que fosse tomado por todas na “sala-de-janta”, D. Pexona cuidava da arrumação das camas; D. Angelina, dos animais domésticos e dos animais do curral; D. Jorça, das plantações da horta e do cuidado com as roupas de vestir, cama, mesa e banho; D. Minerva, das flores e da ornamentação do “quarto dos santos”.

A vida social estava mais ligada aos ofícios religiosos e relacionamento com parentes, amigos e vizinhos. Boas anfitriãs recebiam não só visitas de pessoas próximas como também “comitivas” em procissões religiosas que passavam pelo Bengo em determinadas épocas, quando elas preparavam o lugar com grande zelo e recebiam os visitantes com fartura de quitandas. Dedicavam especial afeto às crianças para quem sempre tinham um agrado diferente: queijos e biscoitos moldados especialmente com a letra do nome, formato de coração, entre outras formas. O Bengo também era lugar de brincadeiras dos pequenos e pequenas inclusive no córrego que, sem chuvas, não era temido por elas. Do contrário, sempre tinham a advertência. “Se não forem pousar é melhor ir porque lá vem chuva”. O córrego nessa época transbordava, impedindo a passagem, e diante do perigo tinham muito medo.

Memórias, relatos passados por várias gerações sobre cada uma delas são aos poucos trazidos à tona graças ao costume humano, e muito mineiro, da oralidade na transmissão de informações e conhecimentos. As poucas fotografias das “Moças do Bengo” somente há pouco tempo foram apresentadas e pouquíssimas pessoas saíram que existiam esses registros, mas não há de todas.

No ano que completam 50 anos desde que a última nos deixou nos unimos nestas palavras de carinho, amor e saudade dessas incríveis mulheres, reverenciando a memória delas e anunciando que em breve muito mais estará relatado nas páginas de um livro.

Carlita Maria de Castro e Coelho
Fernando de Castro Campos
Helton Reis de Castro

Memórias - São Tiago:

75 anos (1949-2024)

SOPA SÃO JOSÉ

A tradicional Sopa São José, oferecida em São Tiago no bairro do Cerrado, teve início no dia 1º de setembro de 1981. Inicialmente, era preparada e servida no galpão do antigo Colégio Normal Santista, proporcionando uma alimentação saudável e nutritiva para todas as crianças carentes.

A ação social da Sopa São José foi idealizada pela família do Revmo. Monsenhor Francisco Elói de Oliveira. Na década de 80, a comunidade enfrentava grande pobreza, com muitas crianças necessitando de um alimento nutricional. A sopa foi mantida inicialmente pela Paróquia de São Tiago e, após por meio de ofertas voluntárias.

Monsenhor Elói sugeriu uma campanha para que as pessoas doassem 1% do seu salário mensalmente, especialmente aposentados e pensionistas. A proposta era depositar o valor em uma conta ou entregá-lo à tesoureira no Hotel Minas Gerais. No entanto, a organização não foi bem-sucedida dessa forma, e a Sopa São José passou a receber algum dinheiro, doações de legumes, gêneros alimentícios e outros itens.

Por volta das 10h30 da manhã, os pais podiam buscar a sopa para servir em casa aos seus filhos menores, especialmente aqueles matriculados no maternal e da 1ª à 4ª série. Posteriormente, o pároco percebeu a necessidade de ter um local próprio para a Sopa São



José, e isso foi concretizado no prédio da extinta Capela de Santo Antônio da Vila Ozanan. O espaço passou a ser utilizado para reuniões dos vicentinos, cursos e para servir a sopa. Anos depois, foi instalada uma escola de maternal, e assim o poder público também contribuía com a sopa.

Nesse período, Monsenhor Elói, pela manhã, pedia ao caseiro do Sítio Rio Sujo que colhesse frutas, verduras e legumes para incrementar a sopa. Anos depois, foi criado o Conjunto Nossa Senhora Aparecida, abaixo do campo do Tupinambás, onde a sopa também foi oferecida gratuitamente por algum tempo.

Aproximadamente, em meados da década de 1990, tanto a Sopa São José quanto a de Nossa Senhora Aparecida foram encerradas.

Marcus Santiago - Membro do IHGST

PL que reconhece Resende Costa como ‘Capital Nacional do Artesanato Têxtil’ é aprovado

A Câmara dos Deputados, por meio da Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJC), aprovou o projeto de lei (PL) que confere à cidade de Resende Costa o título de “Capital Nacional do Artesanato Têxtil”. A proposta foi feita pela Deputada Federal Ana Pimentel em busca de reconhecer o título e honrar a história e tradição têxtil da comunidade local.

O Município fica localizado na Mesorregião Campos das Vertentes e faz parte da Microrregião de São João Del-Rei. Nele, a atividade da tecelagem é uma das principais fontes de renda das famílias, sendo também uma das mais relevantes atrações turísticas da região. A cidade, cuja trajetória começou no século XVIII, persistiu na preservação dessas tradições, transmitindo habilidades e conhecimentos de geração em geração, especialmente por meio das mulheres locais.

Para Ana Pimentel, a aprovação é uma conquista significativa para a comunidade de artesãos da cidade. “Este título não apenas honra a história e a tradição da cidade, mas também valoriza o árduo trabalho dos artesãos locais e impulsiona o progresso econômico e o turismo”, explica, também se referindo a possibilidade da criação de novas oportunidades de emprego e renda.

A cidade conta com aproximadamente 11 mil habitantes e possui cerca de 100 estabelecimentos que comercializam o ar-



tesanato local, tornando-se uma atração turística de destaque na região. Com a atividade têxtil representando a principal fonte de renda para muitas famílias, aproximadamente 70% da população de Resende Costa está direta ou indiretamente envolvida nesse setor.

Fonte: <https://www.acessa.com>

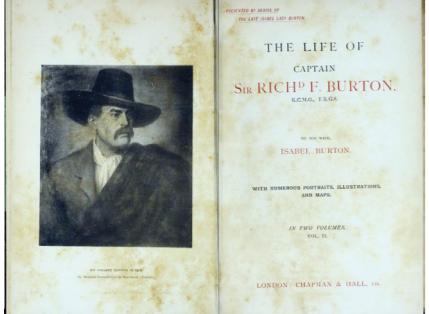


ISABEL LADY BURTON, UMA VIAJANTE OITOCENTISTA

por Patricia Freire do Nascimento

Isabel Lady Burton foi uma viajante, exploradora, tradutora e escritora inglesa que viveu no século XIX. Marginalmente conhecida por ser esposa do diplomata, explorador e escritor Richard Burton, ao longo de sua própria vida, Isabel também viajou por diversas partes do mundo e escreveu sobre elas. Nascida em 1831 na tradicional família católica Arundell de Wardour, uma das mais antigas e renomadas da Inglaterra, Isabel foi a princípio educada em casa e aos dez anos foi estudar no Convento dos Cânone do Santo Sepulcro, onde permaneceu até os dezesseis anos. Desde essa idade, a autora relatou seu interesse pelos ciganos, pelas tribos árabes dos beduínos, por tudo o que era considerado oriental e místico, em especial pela "vida selvagem e sem lei".

Lady Burton também se mostrou muito ativa na escrita, produção e publicação de livros, sempre auxiliando na publicação dos escritos de seu marido. Por si própria, em 1886, por exemplo, publicou a primeira tradução de Iracema para a língua inglesa.


The life of captain Sir Richard F. Burton

Burton adoeceu à época em que começou a trabalhar em sua autobiografia. A continuidade da montagem da obra após a morte de Isabel, que aconteceu em 1895, foi proposta por sua irmã ao escritor e amigo da autora William Henry Wilkins. Para compor a história da vida da autora foram usados, principalmente, cartas e os diários de Isabel Burton.

De forma geral, o principal foco da obra se dá sobre as viagens e a vida fora da Inglaterra. Sem traços fortes de saudosismo da terra natal, as documentações deixadas por Lady Burton cumpriram o papel de relatar a vida da autora quase inteiramente em primeira pessoa. Além de sua experiência no Brasil, há a descrição de sua vida nos mais lugares em que morou e das viagens que fez. A obra final, intitulada *The romance of Isabel Lady Burton: the story of her life told in part by herself and in part by W.H. Wilkins* (O romance de Isabel Lady Burton: a história de sua vida contada em parte por ela mesma e em parte por W.H. Wilkins), foi lançada dois volumes (volume I e volume II). Até o momento não há tradução da obra para português e os

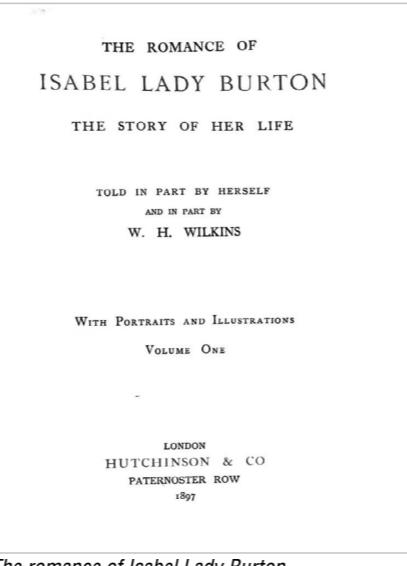
exemplares disponíveis na BBM são em língua inglesa.

UM ENCONTRO COM O DESTINO

Aos 19 anos de idade, Isabel mudou-se com a família para Boulogne, na França. Foi lá que a autora relatou ter "encontrado seu destino", pois no mesmo ano em que a família Arundell se instalou em território francês, Richard Burton, o futuro marido de Isabel, também chegou à Comuna de Boulogne. Ainda que tenham se conhecido e desfrutado de boa amizade, Isabel e Richard só viriam a se tornar oficialmente um casal anos mais tarde, depois de vários encontros e desencontros. Enquanto Richard saiu em expedição à África, Isabel viajou pela Europa, tendo inclusive considerado se tornar freira após um retiro no Convento de Norwich. Richard retornou à Inglaterra em 1859, porém, a união dele com Isabel enfrentou obstáculos.

Em primeiro lugar, era publicamente conhecido que Richard, na época, era agnóstico e os Arundell eram uma família tradicionalmente católica. A oposição à união dos dois, nesse sentido, se deu principalmente através da mãe de Isabel, que também considerou Richard um pretendente de baixo nível para a filha. Isabel adoeceu severamente após ter seu casamento com Richard negado por sua família mas, ainda assim, confrontou a todos que se opuseram e envolveu membros da igreja católica que asseguraram seu exercício religioso dentro do casamento, possibilitando que se casasse com Richard Burton em janeiro de 1861.

Em sua biografia é apontado que, diferentemente das narrativas ro-



The romance of Isabel Lady Burton

ISABEL: UMA VILÃ NA HISTÓRIA DE RICHARD BURTON

Isabel Burton, ao longo do tempo, ganhou grande antipatia de muitos que conheciam a história de seu marido. Como mencionado anteriormente, ela vinha de um meio tradicionalmente católico, tendo inclusive pensado em seguir uma vida religiosa dentro do convento. Em contraste com esse caráter de Isabel, Richard não seguia assiduamente preceitos religiosos, tendo demonstrado bastante liberdade para abordar temas que iam além dos limites morais da tradicional sociedade inglesa de que provinha a sua esposa.

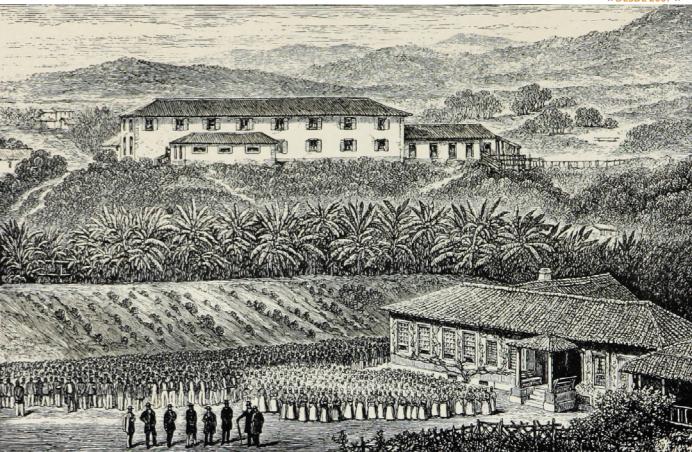
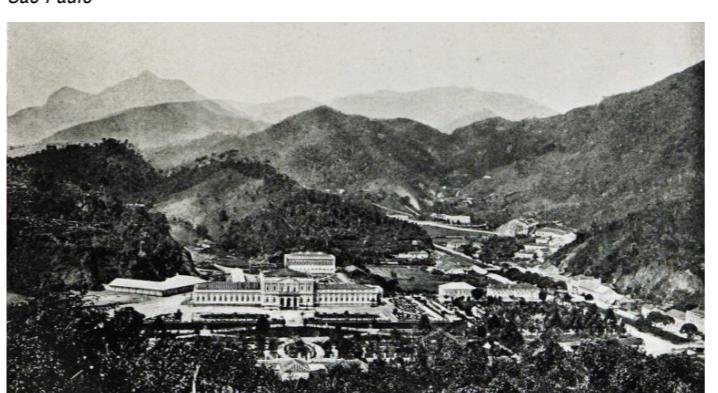
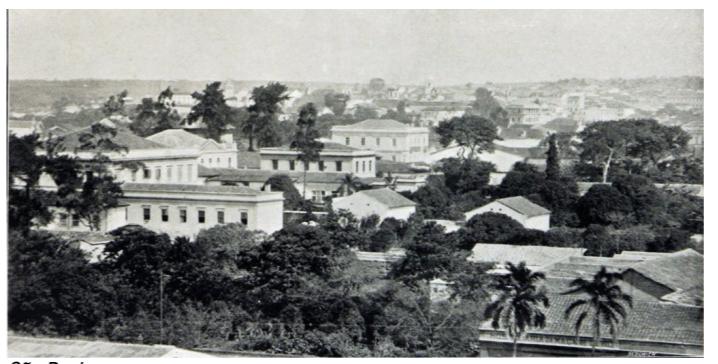
Uma das principais polêmicas que giram em torno desse aspecto do casal, e é considerada um grande crime contra o legado de Richard Burton, foi o fato de após a morte dele, em 1890, Isabel ter queimado boa parte de suas anotações pessoais, documentações, trabalhos, relatos e livros ainda não publicados. Mesmo enquanto Richard era vivo, Isabel sempre interferiu em – e por vezes censurou – alguns conteúdos de suas obras, delimitando-as dentro dos parâmetros aceitáveis dos bons costumes e dos preceitos católicos em que acreditava. Essas atitudes levaram a uma forte descrença da biografia que Isabel escreveu sobre o marido, sendo portanto muito contestada por estudiosos e posteriores biógrafos de Richard.

Há de se levar em conta que Richard Burton foi uma figura bastante complexa, rodeado de especulações acerca de sua sexualidade e alvo de muitas críticas sobre as temáticas, abordagens e o tom de suas obras. Na biografia de Isabel foi alegado que ela teria tomado tais atitudes por temer pela reputação do marido. Nesse sentido, Lady Burton também foi bastante criticada por ter conduzido todos os ritos fúnebres de Richard dentro dos moldes católicos, o que gerou grande controvérsia e revoltou amigos mais próximos do viajante à época de sua morte.

TERRAS E ENTRANHAS BRASILEIRAS

Isabel conseguiu que Richard fosse escalado para trabalhar no consulado de Santos, no Brasil, em 1865. Ela chegou em terras brasileiras pouco depois do marido e os dois se instalaram por semanas no Rio de Janeiro, sendo muito bem recebidos pela sociedade europeia da capital. Depois das boas vindas, o casal partiu para Santos, que é descrita por Lady Burton como um "manguezal" e "insalubre". Foi decidido, portanto, que Isabel residiria durante a maior parte do tempo em São Paulo, devido a questões de saúde. A viagem do casal do litoral até o topo da serra se deu no período anterior à finalização da construção da estrada de ferro que ligava São Paulo a Santos. Assim, o percurso percorrido foi feito com bondes, com o auxílio de mulas e cavalos e, também, a pé.

Nos meses seguintes, até 1867, Isabel viveu entre São Paulo e San-



tos, além de fazer viagens ocasionais ao Rio de Janeiro. Sua vida em São Paulo, de forma geral, foi descrita como feliz no período, apesar dos inconvenientes relacionados ao clima tropical, aos insetos e vermes e à falta de uma "sociedade agradável". Nas palavras de Isabel em uma carta para a mãe:

São Paulo é uma cidade bonita, branca e dispersa no alto de uma colina e descendendo para um planalto alto, bem arborizado e irrigado, com morros ao longe. (...) É um clima bom, muito quente das nove às quatro da tarde, mas bastante fresco nas outras horas. Não há baratas, pulgas, insetos e moscas da areia, mas apenas mosquitos e bichos-de-pé. No interior há cobras, macacos, onças e gatos selvagens, escorpiões-centopeias e aranhas, mas não na cidade. Claro que é enfadonha para quem tem tempo para ser enfadonho, e muito cara. Para quem se lança na sociedade brasileira é um lugar rápido e imoral, sem nada chique ou com estilo. Está cheio de estudantes e ninguém é religioso ou honesto em questões financeiras; e eu nunca me surpreenderia se chovesse fogo sobre ela, como em uma cidade do Antigo Testamento, por falta de um brasileiro justo. (BURTON, Vol. I, pg. 252-253).

Em junho de 1867, Richard e Isabel partiram do Rio de Janeiro para uma expedição rumo a Minas Gerais e à Bahia. Pretendiam descer o Rio São Francisco, o "Mississippi brasileiro", e visitar as quedas Paulo Afonso, o "Niágara brasileiro". Ao longo do percurso que fizeram, Isabel descreveu várias cidades como Petrópolis, Juiz de Fora, Barbacena e São João d'El Rei, onde participaram da celebração e da procissão do Corpus Christi. Vilas menores também foram descritas, como Lagoa Dourada, onde Isabel e sua comitiva foram recebidos por engenheiros ingleses que trabalhavam na construção de ferrovias. Junto deles, Lady Burton chegou a protagonizar a cerimônia de inauguração de um trecho da ferrovia que passaria a atender a mineração na região. Além das cidades e vilas, paisagens naturais como a baía de Guanabara e a serra da Mantiqueira também foram registradas por Isabel ao longo de sua expedição.

Analizando as principais experiências vividas pela viajante no Brasil, os relatos acerca das minas da região do quadrilátero ferroviário mineiro tiveram atenção especial. Dentre elas, pode-se mencionar o complexo de minas Morro Velho, que era administrado pela companhia inglesa Saint John del Rey Minning desde 1834 e correspondeu ao investimento inglês mais lucrativo do século XIX na América Latina. Foi na Casa Grande do complexo que o casal assistiu à reunião de centenas de escravos. A Mina da Passagem, em Mariana, também impressionou Isabel, que, descrevendo o interior dela, a comparou ao inferno de Dante:

Cada um, com uma lanterna e uma vara, desceu um túnel íngreme, escuro e escorregadio de quarenta e cinco braças de profundidade – as cavernas grandes e abobadadas e, em alguns lugares, sustentadas por vigas e gotejando água. Os mineiros eram todos escravos negros. Eles estavam entoando uma música selvagem em coro, no ritmo das batidas do martelo. Eles trabalham com um pé-de-cabra de ferro chocado broca e um martelo, e cada um perfura quatro palmas por dia. Se fizerem seis, são pagos pelos dois. Eles estavam escorrendo de suor, mas ainda pareciam muito felizes. A mina estava iluminada com uma tocha para nós. Descemos então trinta e duas braças mais fundo, vendo todas as diferentes aberturas e canais. Para inexperientes como eu, parecia provável que as cavernas de pedra, aparentemente sustentadas por nada, iriam cair. Levei junto de mim o negro Chico [criado de Isabel]. Ele mostrou grandes sintomas de medo e alegou "Parece O inferno!" Fiquei bastante impressionada com a justiça

da observação. A escuridão, a profundidade das cavernas, o brilho das tochas iluminando as figuras negras que zumbiam contra a parede, o calor e a falta de ar, os cheiros horríveis, o canto selvagem, me lembraram Dante. Será que ele tirou alguns de seus infernos de uma mina? (BURTON, V. I, p. 303,304).

Pouco antes de partirem para a segunda metade da viagem, quando desceriam de canoa o rio São Francisco, Isabel sofreu uma queda e feriu o tornozelo. Isso a impediu de seguir a jornada e, portanto, permaneceu em Morro Velho até se recuperar e conseguir regressar ao Rio e a São Paulo. Ao retornar, passou a maior parte do tempo no Rio de Janeiro, de onde não teve notícias do marido por meses e acabou por planejar uma viagem à Bahia para procurá-lo. Contudo, antes da partida, Richard chegou ao Rio e apresentou um quadro de saúde muito fragilizado, ficando doente na cama por semanas. Foi então que ele abandonou seu posto no consulado e o casal decidiu deixar o Brasil. Richard Burton ainda fez uma viagem pelo sul do continente e pela costa do pacífico, enquanto Isabel voltou a Londres para trabalhar na publicação de alguns livros e para tentar conseguir junto ao Foreign Office um novo cargo para o marido.

Nessa viagem feita ao sul em 1868, Richard produziu uma narrativa acerca de um momento histórico importante em que o Brasil se encontrava: o do conflito contra o Paraguai. A narrativa foi feita sob o formato epistolar a um destinatário anônimo, e mais tarde, em 1870 foi publicada em Londres. No livro *Letters from the battle-field of Paraguay* (Cartas do campo de batalha do Paraguai) são reunidas 27 cartas escritas entre agosto de 1868 e abril de 1869, sendo que nessa época Richard visitou os campos de batalha por duas vezes.

Os escritos de Isabel Burton sobre o Brasil e sobre suas viagens pelo interior são, de forma geral, cercados de características próprias da época: a aristocracia, os escravos e os criados negros, as construções de ferrovias inglesas, regiões de plantações de café e cana-de-açúcar, além de resquícios do ciclo do ouro na região de Minas Gerais. Além disso, detalhes pontuais do contexto histórico brasileiro permeiam os capítulos. Numa das passagens, por exemplo, Barbacena foi descrita como um lugar "morto-vivo", tendo em vista que todos os homens jo-

vens haviam partido para a guerra no sul.

Por outro lado, seguindo os alinhamentos e crenças de Isabel, há também espaço para exaltação do Império, normalização da escravidão e recorrente percepção de afastamento da civilização e da falta de expectativa quanto ao progresso do país. O Rio de Janeiro, nesse sentido, foi classificado pela autora como uma "semi-civilização" e, à medida que se avança pelo interior do país, é relatado o abandono quase completo dela. Essa visão de abandono da civilização condiz com o tom predominante nos relatos de viagem oitocentistas de, em geral, trazer consigo a ideia de superioridade da civilização do branco europeu. Dessa forma, pode-se também subentender uma visão negativa sobre o Novo Mundo, carregada de preconceitos e, em especial, racismo.

REFERÊNCIAS

BURTON, Isabel Lady; WILKINS, William Henry. *The romance of Isabel Lady Burton : the story of her life told in part by herself and in part by W.H. Wilkins*. Londres: Hutchinson, 1897.

FIGUEIRA, Leonildo José. *Richard Francis Burton no Brasil: um olhar para a guerra do Paraguai a partir de cartas dos campos de batalha (1865-1869)*. 2016. Dissertação (Mestrado em História, Cultura e Identidades) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2016.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Mulheres viajantes no século XIX*. *Cadernos pagu*, v. 15, p. 129-143, 2000.

Patricia Freire do Nascimento é graduanda em Relações Internacionais pelo IRI-USP e bolsista da BBM pelo Programa Unificado de Bolsas (PUB-2020-2021).

Sobre o viajante Richard Burton, ver matéria em nosso Boletim CLXXXIV – janeiro/2023



Curiosidade da história do Campo das Vertentes

O Coronel Xavier Chaves, Francisco de Assis Xavier Chaves, filho do Comendador Cipriano Rodrigues Chaves e sua primeira esposa Maria Magdalena de Miranda, era natural de lagoa Dourada, MG, estudou no Colégio dos Padres de Congonhas do Campo. O Comendador Cipriano é citado no livro do viajante inglês, Richard Burton, quando em viagem por Minas Gerais participou do planejamento da futura Estrada de Ferro Dom Pedro II. "Muitos discursos... se trocaram e a música... A cerimônia realizou-se no lugar em que o Lago Escuro se tornou Dourado. A princípio, quando foi descoberto, o lago cobria as terras baixas... Para drená-lo, os velhos mineiros resolveram... a ligação das duas vertentes... Desviaram as águas que alimentam o Carandaí, que corre para o Sul, para o Brumado que corre para o Norte. Foi descoberta aqui a maior parete do metal precioso..."

A estrada correria daí pela vale do Brumado e entraria pelo do Paraopeba após oito léguas a oeste da atual capital de Minas... Durante toda a tarde andamos acima e abaixo pelas margens do pequeno Brumado... O dia terminou como sempre terminam os dias entre legítimos ingleses - com um grande jantar... O bom vi-

gário reverendo Francisco José Ferreira... ocupou a cabeceira da mesa... Sentaram-se aos lados dezessete brasileiros e oito estrangeiros. A comida constou, como sempre, de pratos de galinha, carne, feijão, arroz, farinha e molho de pimenta - o que se chama meximboca, com queijo, cerveja do Porto... Imediatamente após a sopa, cada um fez uma pequena fala e cantou... "Como é grata a companhia/ Lisonjeira a sociedade/ Entre amigos verdadeiros/ Viva a constante Amizade.

O Sr. Cipriano distinguiu-se notavelmente tanto cantando como discursando... Depois carregamos nossas cadeiras e tomamos café na rua...

Mudamos-nos para o rancho, onde o Sr. Copsy preparou-nos um Grambambai, mistura nativa, altamente recomendável nessas altitudes geladas... Não acendemos a fogueira da noite, mas os homens, em grupos de dez, passearam pelas ruas e terminaram dando-nos uma serenata."

Fonte: Escritora Cida Fraga da Silva Chaves, e fragmentos do livro do viajante inglês, Richard Burton.

"Fraternidade e Amizade Social" é o tema da Campanha da Fraternidade (CF) 2024



LANÇAMENTO

CARTAZ OFICIAL DA
CAMPANHA DA FRATERNIDADE
2024

[@cnbbnacional](https://www.cnbbnacional.org.br)



cnbb.org.br

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil lança cartaz e oração da Campanha da Fraternidade 2024

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) lançou nessa terça-feira, 25 de julho, o cartaz e a oração da Campanha da Fraternidade 2024. Inspirada na Encíclica do Papa Francisco, *Fratelli Tutti*, a Campanha da Fraternidade (CF) de 2024 tem como tema: "Fraternidade e Amizade Social" e o lema: "Vós sois todos irmãos e irmãs" (Mt. 23, 8). Este tema e lema foram escolhidos pelo Conselho Permanente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em novembro de 2022.

De acordo com o bispo auxiliar da arquidiocese de Brasília e secretário-geral da CNBB, dom Ricardo Hoepers, o tema e o lema da Campanha da Fraternidade 2024 refletem a preocupação do episcopado brasileiro em aprofundar a fraternidade como contraponto ao processo de divisão, ódio, guerras e indiferença que tem marcado a sociedade brasileira e o mundo.

A Campanha da Fraternidade, dentro do caminho penitencial da Igreja, propõe também durante a Quaresma do próximo ano, um convite de conversão à amizade social e ao reconhecimento da vontade de Deus de que todos sejam irmãos e irmãs.

ELEMENTOS DO CARTAZ

O cartaz, criado pelos jovens de Brasília (DF) Samuel Sales e Wanderley Santana, apresenta o cenário da comunidade como uma casa, espaço onde acolhe-se os irmãos e irmãs para a partilha do alimento e da vida.

FRATERNIDADE E AMIZADE SOCIAL



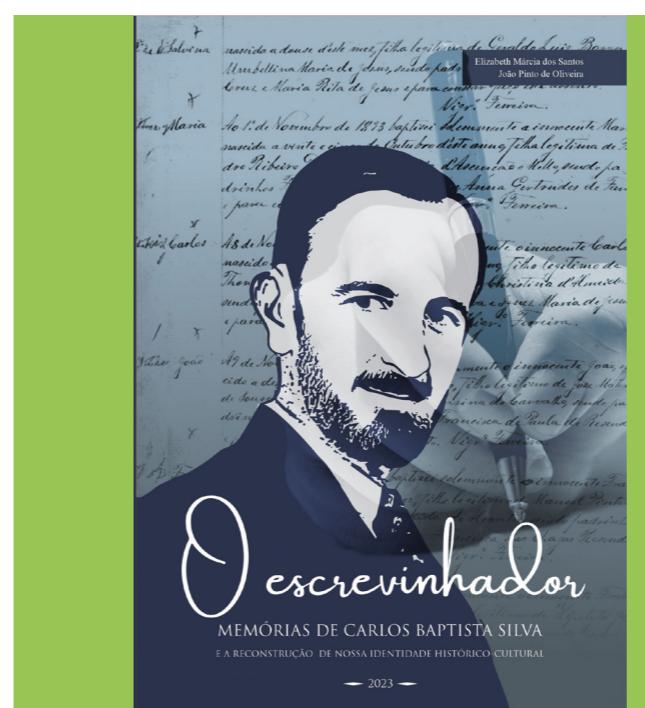
CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2024
24 de março - Domingo de Ramos:
Coleta Nacional da Solidariedade



Dando sequência ao seu projeto de resgate cultural, memorialístico e histórico de nossa região, a Editora SICOOB CREDIVERTENTES lança a obra "O Escrevinhador – memórias de Carlos Baptista da Silva", trabalho de pesquisa de Elizabeth Márcia dos Santos e João Pinto de Oliveira contendo a biografia e produção, escrita literária, em especial memórias familiares de Carlos Silva (1893 – 1976).

A trajetória de um homem – por profissão agricultor – culto, incompreendido, surpreendente em suas colocações escritas e reflexões de vida.

Boa leitura!



O ALBERGUE E O FUTURO

O Albergue São Francisco de Assis está localizado na Praça São Vicente, número 237, Bairro Cerrado, em São Tiago.

Não tem placa que o identifique. É um simples portão metálico velho e meio cambeta que leva às suas instalações nos fundos da Igreja do Rosário. Um forasteiro que passe por lá nunca imaginará a sua existência. Para falar a verdade até quem sabe de sua existência ignora sua presença, quando faltam pontos de contato ou necessidade.

O Albergue de hoje é a evolução de uma ideia do Monsenhor Francisco Elói, datada dos anos 80. Ele criou uma espécie de casa de apoio para pessoas carentes em transito. O tempo inventou transformar esta iniciativa em uma casa de acolhimento, um albergue ou um asilo, não importa a disputa entre as palavras. Por ter esta origem o Albergue funciona em terreno e instalações pertencentes à Paróquia de São Tiago.

O Albergue hoje é uma associação privada, com diretoria eleita, estatuto, recebendo verbas públicas, a fiscalização devida e obrigatoriamente prestando contas.

Quase todas as instituições hoje em dia sofrem com o desconhecimento generalizado da população sobre os seus limites de atuação, a autonomia, responsabilidades e obrigações. Exemplificando de modo mais básico: muitos imaginam erroneamente que a Câmara dos Vereadores é subordinada à Prefeitura, devendo obediência; outros acham que a polícia pode colocar alguém em um presídio.



Albergue: Refeitório

Também para o Albergue restam muitas áreas cinza sem entendimento. O Albergue não é um hospital para cuidar da saúde de alguém; também não é um sanatório para conter pessoas com problemas mentais e comportamentais de baixa e média seriedade; e finalizando, não é um hotel que será uma nova residência grátis para alguém sem teto. O Albergue é um auxílio limitado e possível para cada uma dessas coisas e muito mais, além disso.

A existência de um Albergue, ou Asilo, ou ILPs na definição atual (Instituição de Longa Permanência para Idosos) por si só já é algo triste. Tristes também são as razões de sua necessidade. Entretanto, será obrigatoriamente uma existência baseada no profissionalismo, respeito, delicadeza e humanidade na execução do trabalho a ser feito. Se houver espaço, oportunidade e esforço em busca de alguma forma de amor, que sejam bem vindos.

O tempo deste Albergue já passou, porque, ao passar, esse tempo já comprometeu a estrutura física da instituição a um nível onde não é possível ou não vale a pena reforma de peso, que solucione definitivamente os problemas. Paredes, forros, telhados e instalações já fizeram a curva onde não tem mais volta. Se o problema sempre foi manter o funcionamento, hoje é a viabilização da existência. A necessidade de se construir outro conjunto de prédios para seguir com os essenciais serviços prestados pelo Albergue é desesperadora, por mais dramática que essa palavra pareça. Um futuro onde

exista um novo Albergue é necessário, é urgente, é imperativo e um desejo que deve ser de todos.

A trama do tecido familiar tem se transformado drasticamente nas últimas décadas. As famílias eram enormes, mas nos dias de hoje o número de filhos é bem reduzido. Famílias viviam juntas ou bem próximas e agora se esparramam pelo mundo procurando o melhor para seus membros. Os poucos filhos de agora tendem a ter filhos únicos, o que gera a pergunta engraçada: “Pai, onde estão os meus primos?”. No contexto atual fica claro que alguém idoso em situação de risco social terá muita dificuldade de conseguir abrigo num ambiente familiar onde exista tempo, pessoas comprometidas, espaço físico, disposição e energia, recursos financeiros, paciência e amor para atendê-los.

O Albergue está na pauta do dia, com as pessoas debatendo suas dificuldades e possibilidades futuras, já que agora ele simplesmente sobrevive. Depende de verbas repassadas pela Prefeitura e as doações ou contribuições generosas e caridasas feitas por indivíduos e empresas. É interessante que sempre, não uma, não duas, não três vezes, alguém dirá que se vê morando no Albergue no futuro. Que isto é uma possibilidade! Às vezes isso acontece de forma sincera. Outras vezes disfarçado de gracejo simpático. O importante é dizer que muitas dessas pessoas são bem resolvidas, tendo alcançado sucesso na vida familiar, profissional e financeira. Olhando por uma perspectiva adequada, pode ser um sinal positivo.

A legislação vigente estabelece, assegura e instrui que a responsabilidade por amparar e dar assistência aos idosos em suas necessidades, a começar por uma moradia digna, é compartilhada entre familiares, sociedade e o poder público municipal. Estas premissas estão bem claramente traçadas no Estatuto do Idoso. A via familiar é a melhor opção devido à manutenção dos laços afetivos, mas nem sempre possível. Depois que a família estabelece não ter as condições para assumir esta missão pouco pode ser feito. Nem a judicialização do problema resolve por exigir um tempo que o idoso não tem. Por seu lado a sociedade é uma entidade difusa e mutante. Pode realizar coisas importantes caso as condições sejam propícias e o projeto claro e direcionado, mas, no mais das vezes será apenas, um honroso e respeitável apenas, uma indispensável ajuda, uma parceria, mas não uma solução definitiva. A prefeitura como poder público é a última cartada. Albergue e Prefeitura estão



Albergue: Pátio da frente

algemados juntos por necessidades convergentes. Sem o repasse mensal da Prefeitura o Albergue não tem como existir. Inexistindo o Albergue a Prefeitura terá que arcar com a constituição de um novo. Contornar estas dificuldades exige tempo, experiência, perícia, boa vontade e dedicação. É o caminho e a decisão da lucidez.

Fabio Antônio Caputo